

Análise da representação das minorias políticas e/ou sociais muçulmanas na série *Bodyguard*

Autores: Tasnim Khaled Ibrahim Ayad¹, Prof. Dr. Wlaumir Doniseti de Souza²

^{1,2}Centro Universitário Barão de Mauá

¹tasnim_khaled@hotmail.com (Comunicação Social com habilitação em Jornalismo),

²wlaumir@hotmail.com

Resumo

Nos últimos anos a discussão sobre a representatividade das minorias sociais em filmes e séries vem ganhando cada vez mais espaço, por conta disso, foi realizado um estudo que tem como objetivo estudar a forma como os muçulmanos são representados em séries e filmes. Para isso, foi realizada uma análise da primeira temporada da série britânica *Bodyguard*, que estreou em 2018.

Introdução

Por conta de seu caráter expansivo, os produtos criados com finalidade cultural, geralmente visando o entretenimento, são capazes de reproduzir as identidades de uma ou mais minorias sociais. No entanto, são necessários alguns cuidados na representação destes grupos, o que abre espaço para a discussão acerca da importância da diversidade em tais obras. Segundo Warren, na cultura e nas artes a diversidade foi identificada como uma área prioritária. "O discurso da diversidade é agora lugar-comum, substituindo cada vez mais o termo multiculturalismo" (WARREN, 2019, p. 121, tradução nossa).

Pessuto (2017) explica que as imagens não devem ser vistas apenas como uma forma de entretenimento ou arte, uma vez que muitas vezes elas são construídas com intenções políticas. Segundo ela, as imagens presentes nas películas refletem as ideologias das sociedades que as produziram, de modo que o cinema, muitas vezes, é usado como uma "arma de propaganda política e de controle da opinião pública" (PESSUTO, 2017 p. 62).

Ela diz, ainda, que o caráter persuasivo das imagens - que visa obter o convencimento dos receptores - é uma das características que lhes confere poder. A autora explica que alguns dos esquemas utilizados para a construção do discurso persuasivo que estão presentes no cinema são o uso de estereótipos, tons afirmativos, a criação de inimigos e a repetição, bem como o apelo às autoridades.

Para Fatima (2016), tanto a mídia quanto os filmes são instrumentos de extrema relevância para desenvolver e construir opinião. "As pessoas assistem a filmes para se divertir, mas por outro

lado o cineasta teria um objetivo diferente, como, por exemplo, desenvolver uma opinião particular sobre alguma questão nacional e internacional do núcleo. Algumas vezes os filmes são usados para informar o público e outras para desinformar" (FATIMA, 2016, p. 70-71, tradução nossa).

De acordo com Pessuto (2017), a partir de sua política do medo, o cinema norte-americano foi parte importante na construção do estereótipo negativo e homogêneo do mundo islâmico. A autora afirma que "os governos conhecem o poder que as imagens têm e acabam se apropriando do cinema para a veiculação de mensagens político-ideológicas, com o objetivo de justificar guerras e sistemas políticos, criar inimigos e assim por diante" (PESSUTO, 2017, p. 62).

Van Es (2019) explica que os estereótipos são construídos dentro de relações desiguais de poder, sendo eles "causa e efeito da marginalização: um grupo dominante fala de e para um grupo marginalizado, reforçando assim a posição marginalizada do último" (VAN ES, 2019, p. 377, tradução nossa).

Tais características podem ser observadas em filmes e noticiários, bem como em séries e programas televisivos. Assim, é preciso analisar mais profundamente o material que está sendo veiculado e consumido. Devido a isso, o presente artigo tem como objetivo realizar uma análise da primeira temporada, de 2018, da série *Bodyguard* sobre como as minorias muçulmanas são representadas. Busca, também, demonstrar a importância da representatividade no âmbito cultural da produção de comunicação social; e, por fim, analisar a forma como a série britânica representa a expressão desses grupos sociais e/ou políticos dos muçulmanos. A partir disso, o trabalho tentará responder questões sobre como a série representa a expressão identitária e cultural desse grupo e se há estereótipos na forma como são apresentados.

Serão utilizadas as pesquisas: bibliográfica através de livros e artigos acadêmicos para dar fundamentação teórica; e descritiva, que será empregada em cenas da série em que personagens pertencentes à minoria social muçulmana estão inseridos, visando analisar como a representação é feita.

O trabalho será dividido em três partes: a primeira aborda os conceitos de identidades individuais e coletivas, assim como sua construção e reconstrução, e busca entender a origem dos estereótipos e do preconceito e a possibilidade da mídia ajudar em sua disseminação. Já a segunda parte, procura contextualizar um pouco da história e da construção dos povos árabes e da religião islâmica, além disso, mostra algumas das consequências do ataque às Torres Gêmeas, que aconteceu nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001. Por fim, a terceira parte, a partir dos conceitos anteriormente trabalhados será realizada uma análise da série observando a inserção de elementos que remetem à cultura árabe e muçulmana, se há estereótipos e sua relevância para a narrativa.

Identidade, cultura e estereótipos

A discussão sobre identidade, segundo Stuart Hall (2006), está bastante presente na teoria social. Ele explica que as antigas identidades estariam passando por uma crise que seria decorrente das mudanças que ocorrem nas sociedades modernas. "A assim chamada 'crise de identidade' é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social" (HALL, 2006, p. 7).

De acordo com ele, as velhas identidades que estabeleciam o mundo social através de raça, etnia, gênero, sexualidade e nacionalidade, estariam se fragmentando, de modo que novas identidades estariam surgindo em seu lugar e, conseqüentemente, mudando e transformando nossas identidades pessoais. Esta perda de um "sentido de si" estável, segundo o autor, é chamada, de "deslocamento ou descentração do sujeito", sendo capaz de criar uma "crise de identidade" para o indivíduo.

Hall (2006) diz, ainda, que umas das principais diferenças entre as sociedades modernas e tradicionais é a mudança constante, uma vez que as práticas sociais "são constantemente examinadas e reformadas à luz das informações recebidas sobre aquelas próprias práticas" (HALL, 2006, p. 15 apud GIDDENS, 1990, p. 37-8).

Diz, também, que as sociedades da modernidade tardia "são caracterizadas pela 'diferença'; elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes 'posições de sujeito' - isto é, identidades -para os indivíduos" (HALL, 2006, p. 17 apud LACLAU, 1990).

No entanto, para Pacheco (2004, p. 2), "a identidade, tal como a diferença, é uma relação social", pois ambas estão sujeitas a relações de poder, ou seja, não são definidas naturalmente e, sim, impostas aos indivíduos. Ela explica que onde

existe diferenciação existe poder. Essa diferenciação, segundo a autora, tem como objetivo hierarquizar as identidades, de forma que uma das identidades passa a ser considerada como norma, e é associada a diversas características positivas, enquanto as outras passam a ser avaliadas negativamente. "Nesse sentido, cabe destacar que a identidade cultural não é 'natural', nem inerente ao indivíduo, ela é preexistente a ele, e como a própria cultura se transforma, a identidade cultural do sujeito não é estática e permanente, mas é fluida, móvel, e principalmente, não é uma imposição inocente, nem uma apropriação, de todo, inconsciente. A identidade cultural é por sua vez construída, manipulada e política" (PACHECO, 2004, p. 3).

Como exemplo disso, a autora aponta que durante a modernidade, a sociedade tinha em mente a criação de uma "consciência de nação", que seria definida através de dispositivos como, por exemplo, língua, raça e história, dando a sensação de pertencimento e/ou nacionalidade, de modo que aqueles que não se encaixassem nos dispositivos fossem excluídos.

Ainda de acordo com Pacheco (2004, p. 4), para conseguir manter seus "parâmetros de ordem, beleza, limpeza e progresso, a modernidade se serviu de uma lógica binária, de um sistema de classificação e distinção cultural e identitário que visava preservar e garantir a conformidade social com esses parâmetros".

Por trás da sensação positiva de pertencimento, trazida por esses movimentos comunitaristas - que se apresentam como processos "inocentes" de fortalecimento das comunidades "naturais" - está um discurso preconceituoso que exclui os "outros", por não se encaixarem em sua concepção idealizada de nação.

A questão da identidade cultural e coletiva também é trabalhada por Lopes (2010, p. 6), que aponta que "identidade e cultura tornaram-se as palavras-chave para adentrar no trabalho de redefinição e reinterpretação que diz respeito ao ser humano e às configurações sociais nas quais ele se individualiza e se socializa".

Segundo ela, a comunicação emerge como uma ferramenta na construção e/ou reconstrução das identidades, de modo que a televisão, vista por essa perspectiva, dita o que e como as pessoas vão consumir, sobre o que elas vão tratar, além de elaborar imagens sobre si e sobre o mundo.

Desse modo, torna-se possível afirmar que a teleficção possui forte influência no modo como as identidades coletivas e as diferenciações simbólicas são reorganizadas pelas indústrias culturais, uma vez que produzem "novas hibridações que fragilizam as demarcações entre o culto e o popular, o tradicional e o moderno, o próprio e o alheio", conforme afirma Lopes (2010, p. 8). "Histórias narradas pela televisão são, antes de tudo, importantes pelo seu significado cultural. Como bem o demonstra o filão de estudos

internacionais, a ficção televisiva configura e oferece material precioso para entender a cultura e a sociedade de que é expressão. Ela ocupa um lugar proeminente na esfera liminal (Turner) das práticas interpretativas, entre realidade e fantasia, entre vivido e imaginário" (LOPES, 2010, p. 7).

Lopes aponta, ainda, que a TV contribui com a elaboração da identidade nacional, pois abre espaço para representações, "no qual as diversas partes sociais podem ter acesso ou ser representada, e no qual, ao menos potencialmente, exprime-se a sociedade civil" (2010, p. 13).

De acordo com Pereira (2005), o problema desse cenário é que a nossa percepção da realidade passa a ser afetada pela forma como facilmente aceitamos versões simplificadas de fatos e acontecimentos sociais complexos. "Nesse processo de acomodação, de facilitação, acabamos assimilando preconceitos, estereótipos que nossa cultura nos entrega prontos, reduzindo drasticamente as possibilidades de real acontecimento de fatos e pessoas" (PEREIRA, 2005, p. 75).

Segundo a autora, sempre estamos sujeitos, por conta de nossa formação social, a nos manifestarmos de maneira preconceituosa, uma vez que os indivíduos costumam aceitar informações sem questionar sua veracidade. Assim, mantém uma falsa percepção no que diz respeito aos fatos e situações que ocorrem ao seu redor.

Podemos usar a forma como árabes e muçulmanos são representados nos meios de comunicação. Resumidamente, a mídia incentiva o etnocentrismo o que agrava o preconceito. Isto ocorre, pois uma das principais características para a construção de uma identidade europeia é a oposição e a diferenciação em relação ao Oriente. Por conta disso, o Ocidente passa a ser associado ao belo e civilizado, enquanto o Oriente passa a ser associado a bárbarie e a ignorância. Contudo, como afirma Moualhi (2000, p. 293), tais estereótipos sobre as sociedades muçulmanas não são novos e distorcem a realidade, ignorando a diversidade sociocultural, ético-religiosa e política existente entre os países árabes e muçulmanos.

A construção dos povos árabes e muçulmanos

Visto que os estereótipos têm origens antigas, torna-se necessário compreender melhor a origem dos povos árabes, desde as peregrinações dos beduínos a partir do século VII d. C. passando pela formação da religião muçulmana até o período mais recente da história.

No início do século VII, surgiu um novo movimento religioso, o islã, que criou uma nova ordem política

religiosa – que se estendeu por toda a península Arábica, as terras do Império Sassânida e algumas províncias do Império Bizantino, de modo que as antigas fronteiras foram apagadas e novas foram criadas. O grupo identificava sua nova ordem com uma revelação que teria sido enviada por Deus a Maomé, um cidadão de Meca, por meio de um livro sagrado, chamado Corão.

Aqueles que aceitavam a religião tinham que fazer determinados rituais conhecidos como "pilares do Islã": O primeiro deles era a shahada, ou seja, testemunhar que "só há um Deus, e Maomé é o Seu Profeta". O segundo é o salat, as rezas diárias que deveriam ser feitas cinco vezes durante o dia. O terceiro é o zakat, doações para ajudar os mais pobres, os necessitados, auxiliar aqueles que estiverem endividados, entre outros. O quarto é o sawm, jejuar uma vez por ano, durante o Ramadan, mês em que o Corão foi revelado a Maomé. Por último, o hadj, ou peregrinação a Meca. Todo muçulmano que tivesse condições de fazer a peregrinação a Meca deveria fazê-la pelo menos uma vez na vida, em qualquer época do ano.

Com o aumento da expansão, a comunidade muçulmana fundou um novo Império, o Califado. Contudo, no século X, o Califado caiu e surgiram novos califados na Espanha e no Egito, apesar disso, sua unidade social e cultural foi mantida e grande parte da população se tornou muçulmana. Entre os séculos XI e XV, esse mundo muçulmano se dividiu em alguns aspectos, mas preservou outros. Suas fronteiras foram alteradas, e dentro dessas fronteiras surgiu uma nova divisão entre as regiões em que o árabe era usado como língua principal e as regiões onde ele era usado como literatura legal e religiosa.

Hourani (1994, p. 97) explica que, "apesar das divisões e das mudanças políticas, porém, as regiões de língua árabe do mundo muçulmano tiveram formas sociais e culturais relativamente estáveis durante esse período, e apresentavam semelhanças de uma região para outra".

Durante os séculos XV e XVI, a maior parte do mundo muçulmano integrou três impérios: dos grão-mongóis, dos safávidas e dos otomanos, que incluiu todos os países de língua árabe. Bem como, que o império otomano foi a última expressão da universalidade do mundo muçulmano, uma vez que suas cidades santas foram resguardadas e a lei religiosa foi preservada. No século XVIII, o equilíbrio entre os governos otomanos foi alterado e as relações entre o Império e a Europa também passaram por mudanças, conforme os Estados europeus expandiam suas ideias, bens e poder. O que fez com que, no fim do século, o poder e independência do Império Otomano estivessem declínio e o mesmo tentando adaptar-se à nova situação.

No século XIX houve a expansão do comércio europeu, possibilitado pela larga escala de produção fabril e mudanças nos meios de

comunicação. Por conta disso, o governo otomano adotou novos métodos de organização e administração militar, bem como novos códigos que eram similares aos da Europa. No entanto, o Império Otomano chegou ao fim com o término da 1ª Guerra Mundial, de modo que quase todos os países de língua árabe estivessem agora sob domínio europeu, mais especificamente o francês e o britânico.

Segundo Hourani (1994), os países árabes aparentemente permaneciam seguros dentro dos sistemas imperiais britânico e francês até a chegada da 2ª Guerra Mundial, que levou ao fim o domínio dessas duas potências no mundo árabe no decorrer das duas décadas seguintes.

A partir da década de 90, houveram diversos acontecimentos significativos tanto para o Ocidente quanto para o Oriente, com destaque para os ataques a Nova York e Washington em 11 de setembro de 2001.

De acordo com uma pesquisa realizada por Cainkar, durante os três anos que sucederam os atentados, inúmeros árabe-americanos muçulmanos reportaram que não se sentiam seguros vivendo nos Estados Unidos por conta da forma como passaram a ser representados pelas grandes mídias do país que muitas vezes apoiava a ideia de culpabilização coletiva de árabes e muçulmanos americanos pelos ataques.

Os autores Guedes, Dias e Souza, explicam que, no que diz respeito à mídia, a comunidade árabe passou a ter suas características e tradições representadas por meio de estereótipos, que foram reforçados pelo mundo eletrônico.

Os estereótipos na representação dos muçulmanos

O objeto de estudo do trabalho em questão é a série de televisão britânica *Bodyguard* que, no Brasil, recebeu o nome de *Segurança em Jogo*, pela Netflix.

Para realizar a coleta de dados necessária para o trabalho, foi realizado um resumo do enredo para melhor compreensão da narrativa e, em seguida, foram selecionadas cenas em que as minorias sociais e/ou políticas muçulmanas aparecem para que sejam analisadas tanto a representação desses personagens, quanto a relevância dos mesmos para o desenvolvimento da trama.

Após selecionadas, as cenas foram transcritas usando as legendas oficiais disponibilizadas pela sua distribuidora no país. Para melhor compreensão não foram inclusos nomes de personagens secundários, planos ou movimentos de câmera.

A série conta com seis episódios de aproximadamente uma hora de duração e narra a história de David Budd, um veterano de guerra, que agora atua como especialista em proteção para a unidade de Proteção Especial da Polícia Metropolitana de Londres. Budd se vê dividido

entre o seu trabalho e seus princípios após ser designado para cuidar da proteção de Julia Montague, a Ministra do Interior cujos posicionamentos políticos vão contra tudo o que ele acredita.

Durante a análise de dados foi possível perceber dois estereótipos que se sobressaem na representação dos muçulmanos na trama. São eles:

A opressão das mulheres muçulmanas

Esse estereótipo aparece entrelinhas durante vários diálogos da série em que a personagem Nadia Ali aparece, contudo, fica mais explícito quando ela relata que era trancada em casa quando seu marido saía e que ela "não era autorizada" a saber com quem ele se encontrava. Durante o estudo foi possível perceber que a questão que envolve a condição das mulheres muçulmanas está bastante atrelada ao modo como o Ocidente costuma representar a religião islâmica e os muçulmanos, destacando características negativas que acabam sendo divulgadas pela mídia.

Hajjami (2008), afirma que a condição confinada a maior parte das mulheres muçulmanas de precariedade e inferioridade é, na verdade, resultado da hegemonia de um sistema e de uma mentalidade patriarcal que usam sua leitura da religião como instrumento para justificar e legitimar as situações desfavoráveis das mulheres.

Explica, ainda, que no século VII, na península arábica, antes da revelação da religião muçulmana já existia desigualdade entre homens e mulheres que, aos poucos foi reduzida devido aos ensinamentos do profeta Maomé e do Alcorão.

Entretanto, nos séculos seguintes, a suspensão da prática do *Ijtihād*, - método de interpretação de textos sagrados, que tinha como objetivo adaptar a regra jurídica de acordo levando em consideração o sentido que melhor representava a intenção divina presente nos textos sagrados - fez com que os direitos das mulheres, conquistados no início da era muçulmana, fossem renegados devido a uma leitura restritiva do Alcorão. "De maneira geral, o *fiqh* relativo à condição das mulheres foi muito mais o reflexo de uma mentalidade patriarcal e tribal que uma aplicação restrita de valores de igualdade, de dignidade e de justiça preconizados pelo Alcorão e o Sunna" (HAJJAMI, 2008, p. 118).

Também foi analisado que o estereótipo da mulher muçulmana oprimida e/ou subjugada surgiu com a construção dos impérios britânico e francês no século XIX, mesmo século em que a associação explícita do Islã com a opressão das mulheres alcançou plena fruição. "O véu e o harém não existem nas representações medievais da mulher muçulmana e quase não estão presentes no Renascimento. E ainda, após o início da era moderna, uma representação da mulher

muçulmana não ligada ao véu e ao harém é quase inimaginável" (KAHF, 1999, p. 6, tradução nossa). Segundo Warren (2019), a partir de 2001, no início da guerra do Afeganistão, "o espaço predominantemente branco e secular da grande mídia ocidental foi fundamental para conectar o global e o íntimo, cultivando representações de mulheres muçulmanas moldadas por forças geopolíticas, como vítimas passivas ou extremistas violentas" (NAGEL, 2005; ELAHI & KHAN, 2017 apud WARREN, 2019, p. 119, tradução nossa).

Ainda de acordo com a autora, recentes estudos realizados na Alemanha, França e Reino Unido mostraram uma discriminação sistêmica, que exclui as culturas muçulmana e as do sul da Ásia, aplicando "penas" naqueles que têm uma característica islâmica, como o uso do hijab, e/ou nome sul-asiático. "Essa discriminação é construída a partir de um discurso de "outro" que significa 'representação em termos de diferença' que reforça uma hierarquia entre grupos majoritários e minoritários ao longo linhas de raça, etnia, cultura e religião" (AL-AZMEH, 1993, p. 5 apud WARREN, 2019, p. 121, tradução nossa).

Van Es (2019) explica que durante as décadas de 1980 e 1990, houve pouco debate sobre a religião islâmica e pouca atenção pública no que diz respeito às mulheres muçulmanas. Já com o início do novo século, essa imagem estereotipada das mulheres desempenhou um papel importante nos debates sobre a integração dos imigrantes. "Na mídia holandesa, as mulheres da minoria muçulmana eram cada vez mais apresentadas como mulheres atrasadas, dignas de pena e isoladas que regularmente são vítimas de violência e opressão por seus maridos ou parentes do sexo masculino" (VAN ES, 2019, p. 376, tradução nossa).

De acordo com ela, o estereótipo de "oprimidas" que comumente é dado às mulheres de origem muçulmana é parte de um processo de delimitação de limites entre um "nós" moderno, iluminado e emancipado e um "eles" muçulmano retrógrado, tradicional e patriarcal. Em uma pesquisa realizada por ela, foi visto que há inúmeras tentativas por parte das mulheres muçulmanas de quebrar o estereótipo de oprimidas. De acordo com a autora, nenhuma das mulheres muçulmanas por ela entrevistadas negou a existência da discriminação de gênero e a violência contra as mulheres entre os muçulmanos. Entretanto, afirmaram que sentiam que pouca atenção era dirigida às mulheres muçulmanas que não eram oprimidas.

"Acima de tudo, lamentaram que a opressão das mulheres muçulmanas fosse falsamente atribuída ao Islã e que a maioria não muçulmana não ouvisse as vozes das mulheres muçulmanas, a menos que criticasse o Islã. Todas as mulheres entrevistadas, e muitas mulheres que escreveram nas revistas das organizações, se opuseram fortemente às visões populares do Islã como

inerentemente patriarcal e argumentaram que um estudo cuidadoso do Alcorão e do hadith levaria ao empoderamento das mulheres" (VAN ES, 2019, p. 379, tradução nossa).

Assim, elas tentam quebrar esse estereótipo ao apresentarem-se como "modernas" e "emancipadas" em situações corriqueiras. Contudo, elas são vistas como exceções positivas e não como evidências de que não são oprimidas.

Os terroristas fundamentalistas islâmicos

No último capítulo descobrimos que Nadia Ali era a arquiteta por trás dos atentados que ocorreram no decorrer da série. Se intitulando como "jihadi", a personagem diz que a intenção era espalhar "a verdade para nossos irmãos e irmãs em todo o mundo. Para mostrar ao mundo que pusemos uma espada no coração do Governo britânico".

Devido aos conflitos entre o Ocidente e as regiões predominantemente muçulmanas do Oriente Médio nas últimas décadas, a religião islâmica passa a ser vista pelo Ocidente como uma "religião fundamentalista que abriga movimentos terroristas, e que se opõe à civilização ocidental contemporânea, tanto em âmbitos ideológicos quanto em questões geopolíticas" (SILVA, 2015, p. 1481).

De acordo com Smaili (2015), é a partir do século XX que a leitura do Ocidente em relação ao Oriente, conhecida como Orientalismo, passa por análises políticas, de modo que no final do século são notórias as consequências e são apresentadas como um grande conjunto de contradições. "Ao mesmo tempo em que se tem mais mobilidade, tem-se também muita segregação. Quanto mais o encontro entre as tradições e a diversidade acontece, mais ocorrem discriminações e xenofobia. Quanto maior o acesso à tecnologia e à informação em larga escala, maior a alienação e a aculturação" (SMAILI, 2015, p. 145).

Assim, a tese do Orientalismo, onde os árabes são entendidos como os "outros" é reforçada. "Neste contexto, o fundamentalismo também é produto deste histórico e dos valores sociais, econômicos e políticos que fazem parte dele, já que a cultura milenar islâmica rejeita veementemente a intolerância e a ignorância em relação ao outro. Neste início de século, a imagem e a cultura árabe foram fortemente estereotipadas, e distanciamentos entre as culturas devem ser observados para serem superados. O entendimento do outro como o eu, dos diferentes como semelhantes e próximos, pode e deve nos remeter à ideia da coexistência, do convívio e do diálogo que foi tão elaborado e preconizado pelo período do Andalus e, portanto, pela cultura islâmica" (SMAILI, 2015, p. 150).

Conforme visto anteriormente, nos séculos XIX e XX, o mundo muçulmano se tornou dependente da colonização europeia daquele período. Com o tempo, a situação de dependência econômica e

militar, assim como a imposição de valores liberais ocidentais estimularam a criação de movimentos políticos que eram contra a penetração ocidental no mundo islâmico.

De acordo com Silva (2015), o movimento fundamentalista não foi uma criação exclusiva da religião muçulmana. No caso da religião Islâmica, esses fundamentalistas se consideram "muçulmanos autênticos" que foram convocados para realizarem a reforma da religião com base na violência. Para isso, eles fazem uma leitura conveniente e controversa dos textos corânicos. Assim, o conceito de jihad, ou seja, de "guerra justa", passa a ser usado para legitimar e justificar ações violentas de resistência.

Entretanto, esses estereótipos que remetem à violência tem como base conceitos medievais que surgiram na Europa por conta dos embates entre cristãos e muçulmanos.

De acordo com Silva (2015), isso se deu por conta da necessidade do Ocidente de construir um "inimigo" no imaginário da população que deveria ser combatido, de modo que o Islã passa a ter uma construção simbólica em que comumente é visto como fundamentalista e terrorista. Há, ainda, a teoria do choque de civilizações, na qual o conceito predominante é de que os conflitos entre Ocidente e Oriente não teriam mais caráter econômico ou social e, sim, cultural.

Tanto os estereótipos quanto a deterioração da imagem do árabe foram reforçados pela mídia, causando desinformações sobre a cultura árabe e a religião islâmica, de modo que dificulta a separação entre as tradições e a cultura da religião e/ou política.

Conclusão

Enfim, podemos concluir que as identidades são responsáveis por definir o mundo social como o conhecemos, mas que apesar disso não são definidas de forma natural, uma vez que, por meio de processos como, por exemplo, os de inclusão e exclusão as identidades passam a ser hierarquizadas de modo que uma passa a ser vista positivamente e as outras negativamente. Isso, portanto, acaba legitimando a identidade do grupo que passa a ser visto como "dominante".

Em meio a esse processo de diferenciação entre as identidades, surgem os estereótipos que são usados para diferenciar uma cultura das outras. Geralmente negativos, tais estereótipos acabam gerando um embate entre as identidades, uma vez que são duas identidades, uma contraposta à outra. Resumidamente, a identidade vista como "dominante" cria estereótipos para subjugar a identidade "dominada".

Isso acaba refletido nas narrativas teleficcionais, uma vez que o que mais vemos são as

representações daqueles que se encaixam nos grupos dominantes, de modo que as minorias sociais acabam sendo excluídas. Tal exclusão das narrativas culturais reforça a dominância dos padrões existentes, bem como reforça os estereótipos atribuídos àqueles que não são pertencentes ao grupo dominante.

Uma forma de evitar a propagação dessa visão distorcida sobre os muçulmanos seria a diminuição da representação negativa trazida pelos estereótipos e mostrar a pluralidade que pode ser encontrada entre a comunidade muçulmana. Outra forma de combate é a conscientização e o conhecimento acerca da cultura e da história dos povos árabes e islâmicos.

Referências

CAINKAR, L. A. Homeland Insecurity: The Arab American and Muslim American Experience After 9/11. 1º edição. Nova Iorque: **Russell Sage Foundation**, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=P75WAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 21 de jul. de 2020.

FATIMA, S. Muslim in movies: the Hollywood Construction. **Pakistan Journal of Society, Education and Language (PJSSEL)**, v. 2, n. 1, p. 54-75, 2016. Disponível em: <<https://pjsel.jehanf.com/index.php/journal/article/view/104>>. Acesso em: 30 out. 2020.

GUEDES, J. V.; DIAS, L.; SOUSA, R. A Mídia Ocidental e os povos Árabes – uma relação de preconceito e generalizações. **XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste**, 2011. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0044-1.pdf>>. Acesso em: 06 out. de 2020.

HAJJAMI, A. E. A condição das mulheres no Islã: a questão da igualdade. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 30, p. 107-120, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644850>>. Acesso em: 28 out. 2020.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ª edição. Rio de Janeiro: **DP&A editora**, 2006.

HOURANI, A. H. Uma história dos povos árabes. 2ª edição. São Paulo: **Companhia das Letras**, 1994.

KAHF, M. Western Representations of the Muslim Woman: From Termagant to Odalisque. 1ª edição. Austin: **University of Texas Press**, 1999.

Disponível em:
<https://books.google.com.br/books/utexaspress?id=AZS6RJkujasC&pg=PP1&pg=PP1&redir_esc=y&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 28 out. 2020.

LOPES, M. I. V. Ficção televisiva e identidade cultural da nação. **Alceu**, v.10, n.20, p.5-15, 2010. Disponível em: <http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu20_Lopes.pdf>. Acesso em: 10 de jun. de 2020.

MOUALHI, D. Mujeres musulmanas: estereotipos occidentales versus realidad social. **Dipòsit digital de documents de la UAB**, 2000. Disponível em: <<https://papers.uab.cat/article/view/v60-moualhi>>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

PACHECO, J. O. Identidade cultural e alteridade: problematizações necessárias. **Revista eletrônica da UNISC**. Santa Catarina, 2004. Disponível em: <http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

PEREIRA, T. A. C. Discursos simbólicos da mídia. 1º edição. São Paulo: **Edições Loyola**, p.73-88, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=bqTXUQp7NEUC&oi=fnd&pg=PA73&dq=cultura+esteriotipos+%C3%A1rabe&ots=c56imh0vxp&sig=olH7mHMDjFruYT62eAMpWI7cu4w#v=onepage&q=cultura%20esteriotipos%20%C3%A1rabe&f=false>>. Acesso em: 02 abr. de 2020.

PESSUTO, K. O Islã em vinte e quatro quadros por segundo. **Revista Reflexão. PUC Campinas**, v. 42, n. 1, p. 59-75, 2017. Disponível em: <<https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/article/view/3803>>. Acesso em: 06 nov. de 2020.

SEGURANÇA em Jogo - Awards. **IMDB**, c1990. Disponível em: Acesso em 07 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt7493974/awards?ref_=tt_awd>. Acesso em 07 de out. de 2020.

SILVA, L. B. Percepções ocidentais sobre o Islã. **Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR**, Juiz de Fora, 2015. Disponível em: <<https://silo.tips/download/percepoes-ocidentais-sobre-o-islav-palavras-chave-islav-esteriotipos-fundamentalis>>. Acesso em: 30 out. 2020.

SMAILI, Soraya S. Migrantes, pós-colonialismo e fundamentalismo: enlaces entre Oriente e Ocidente e a questão do Islã. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 145-151, 2015. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000200145&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 out. 2020.

VAN ES, M. A. Muslim women as 'ambassadors' of Islam: breaking stereotypes in everyday life. **Identities**, v.26, n.4, p. 375-392, 2019. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/1070289X.2017.1346985?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 28 out. 2020.

WARREN, S. #YourAverageMuslim: Ruptural geopolitics of British Muslim women's media and fashion. **Political Geography**, v. 69, p. 118-127, 2019. Disponível em: <<http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0962629818301835>>. Acesso em: 06 nov. de 2020.